

# “O BRASIL ERROU DEMAIS NA SUA POLÍTICA ECONÔMICA”

## ENTREVISTA

a Ricardo Leopoldo  
Da equipe do Correio

São Paulo — O professor Affonso Celso Pastore, 59 anos, ex-presidente do Banco Central, fala sobre a economia brasileira com paixão. Passa de um tema para outro rapidamente, desfilando números, cifras, projeções matemáticas e muitas palavras em inglês. Considerado um dos dez melhores economistas brasileiros, Pastore irrita-se com interlocutores que parecem não fazer a menor idéia do que é currency board (um sistema cambial que atrela a variação de uma moeda a outra, mais forte e estável). Ele está pessimista com relação ao futuro do Brasil. Para ele, o país perdeu totalmente a credibilidade, por ter empurrado sempre para frente o ajuste das contas públicas. A desvalorização do real, segundo Pastore, era previsível desde a moratória da Rússia no ano passado. Pastore não acredita que dará resultado as intervenções do Banco Central para baixar o câmbio. A entrada positiva de dólares pelas operações comerciais chegam a US\$ 300 milhões por mês. Mas vencem US\$ 5 bilhões de dívidas de empresas, eu-robonds, até março. “Se o Brasil precisar de três meses para trabalhar precisará do banco central dos Estados Unidos atrás dele dando grana”. Os próximos meses, acredita o professor, serão marcados por inflação alta e uma recessão mais profunda do que se imagina. Lá na frente, não sabe quando, haverá uma recuperação, mas a partir de níveis mais baixos de desenvolvimento econômico e miséria.

# Affonso Celso Pastore

Claudio Pedroso/ Angular



Ex-presidente do banco central, Pastore acredita que os próximos meses serão marcados por inflação e recessão

Correio Braziliense — Diante dessa crise, o que o senhor faria se fosse presidente do Banco Central?

Affonso Celso Pastore — Não teria deixado a situação chegar nesse ponto, pois teria agido antes. Não teria teimado tanto na manutenção do regime cambial e do atual regime fiscal. Eu descrevo a situação como um patologista fazendo a autópsia de um ser humano que tinha uma carreira promissora, mas infelizmente morreu. Esse modelo econômico que o presidente Fernando Henrique colocou está morto. Estamos vendo qual foi a causa mortis.

Correio — O que deu errado no plano econômico do governo?

Pastore — Existe uma regra básica que nunca foi obedecida: país que não tem disciplina fiscal não vai ter estabilidade. Sempre se falava: “Ah, o governo dará um jeito”... Mas o déficit público dobrou em 1998! Se o Brasil não fizer um ajuste fiscal crível, estará pior em qualquer circunstância. É a única coisa que ajudará o país a colocar disciplina em suas contas. Em cima do ajuste das contas públicas, poderá escolher um câmbio fixo, flexível, âncora monetária, cambial, pode fazer várias coisas. Adotar banda larga, pequena, movimento diagonal, dá pa-

ra se divertir à vontade. O governo fez uma reforma monetária em julho de 1994, estabilizou os preços e pensou que não tinha de fazer nada no lado fiscal?

Correio — Ainda dá tempo para se fazer o ajuste das contas públicas?

Pastore — Não chegamos a essa crise cambial da noite para o dia. Passamos por vários outros momentos de crise que não tiveram uma resposta mais firme. Quando aconteceu a crise asiática, o Brasil foi abalado. Num primeiro momento, o risco Brasil, medido por dois indicadores internacionais, pulou de 400 para 800 pontos, mas caiu logo em seguida e a situação se estabilizou. Sofremos perdas de reservas, mas também houve uma reversão. O país ainda tinha credibilidade. O problema é que o pacote com 51 medidas de ajuste fiscal nunca foi colocado em prática. Com a crise russa, o quadro se deteriorou. A saída de capital só foi aumentando. A erosão da credibilidade também se acelerou. No fundo, ninguém mais acredita que um ajuste fiscal do tamanho necessário será colocado em prática.

Correio — O que pode acontecer daqui para a frente?

Pastore — Eu cometí um erro há uma semana, pois não sabia que a

erosão de credibilidade do Brasil era tão grande. Tinha a impressão de que o câmbio se acomodaria em R\$ 1,50, R\$ 1,60. Mas a informação que me chegou é de que é impossível com este grau de credibilidade manter o câmbio nesse patamar. Provavelmente nós vamos para uma desvalorização cambial muito mais para a caótica do que para a controlada. Isso trará duas consequências ao país. Vai ser muito mais difícil segurar a inflação, muito mais. Segundo: a recessão será mais funda do que era estimado. Tem gente falando em queda do crescimento de 4% em 1999. Por enquanto não quero falar nada. Eu não fiz nenhuma projeção, mas a recessão é mais profunda do que se previa. Já estamos nesse caminho.

Correio — Por que o governo não conseguiu ainda fazer esse ajuste?

Pastore — Desde a crise do sudeste asiático até agora estamos ouvindo que o governo não tem mais o que fazer. Mas o governo vem e dá uma cartadinha no orçamento. Ele cria um impostinho quando muitos imaginam que não dá para aumentar receita. Como a CPMF vai levar vários meses para ser implementada, o governo meteu um Imposto sobre Operações Financeiras de 0,38%. Ele tirou a despesa financeira da base de cálculo da contribuição social das empresas. Es-

ses aumentos também são vistos como insustentáveis. Soluções como essa são feitas para estancar uma hemorragia, mas não servem para fazer um bebê virar um atleta, crescer e poder competir com concorrentes de países desenvolvidos. Para resolver o problema fiscal é preciso solucioná-lo com profundidade. Se o governo tem um problema de caixa, de excesso de gastos sobre a arrecadação, tem que cortar o gasto. Ah, mas não dá para cortar despesas porque é chato, politicamente ruim, cai o prestígio do governo. Aí, é complicado.

Correio — A desvalorização do real era previstível?

Pastore — Houve a combinação de dois fatores. Um é o efeito mais persistente trazido pela moratória da Rússia. Ela mostrou que o FMI não teve condição de produzir o resgate que fez no sudeste asiático. Foi perdida a confiança na capacidade das instituições internacionais de fazer esse resgate. No meio disso há o Brasil: um importante participante nesse jogo, com seu risco alto, sem encontrar uma forma de sair do problema. Com juros mais altos, a queda da economia aumenta. A pressão política numa recessão é crescente e cria uma segunda fonte de não sustentabilidade. O investidor que olha isso diz: “O Brasil está de brincadeira: propõe um ajuste fiscal insuficiente nas atuais circunstâncias. O país tem que manter os juros muito altos, pois do contrário não reverte o fluxo de capital. Tem um déficit de 4,4% do PIB na conta corrente (engloba todas as transações comerciais externas do país)”. Ao olhar esses números o investidor pensa: “o fluxo de capitais não é sustentável, porque o país tem um problema de câmbio”. Qual foi a conclusão?: “O Brasil vai desvalorizar o câmbio. Ou vai deixar flutuar, mudar a banda cambial. De alguma forma vai tocar no câmbio”. Nas últimas duas semanas não parou o fluxo de saídas. Aí, como o governo não pôde subir os juros, porque agrava a recessão, veio a crise cambial.

Correio — O que teria levado à equipe econômica cometer esses erros que o senhor apontou? São todos incompetentes?

Pastore — Eu sou um economista, não sou psicanalista... Vamos discutir a doença, o tratamento (para a economia), e não as pessoas.

Correio — O que o governo precisa fazer para resgatar a credibilidade?

Pastore — O governo levou quatro anos para perdê-la. Uma coisa que poderia ser pensada é a seguinte: o governo chama os partidos, divide o poder com eles e explora a possibilidade de aprovar em uma semana ou duas um conjunto de medidas, como uma reforma tributária mais corte de gastos, capazes de produzir um superávit primário de 4,5% do PIB. As mudanças deverão ser críveis, bem feitas, aprovadas no Congresso. Essa é a única coisa que eu consigo imaginar agora. A partir dessa decisão, o governo dá um choque de credibilidade no sistema. Assim terá condições de baixar os juros, sair eventualmente de uma flutuação cambial e ir para um câmbio fixo. É preciso fazer algo que restaure os fluxos de capitais e a confiança lá fora. Isso é meramente um sonho. Sem ajuste fiscal não dá para fazer mágica.

Correio — O país ainda pode sair dessa crise e melhorar?

Pastore — Em organismos econômicos existe o fenômeno da resurreição. A morte é apenas temporária. O modelo está morto, mas o organismo econômico não. Vamos olhar o que ocorreu para não repetir os erros cruciais no novo modelo de crescimento com estabilidade de preços. As pessoas estão enfrentando a realidade. O governo está lá refletindo os seus próprios erros, acertos, o que foi feito, o que não foi rea-